

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

ENTRE VIDA PÚBLICA E *LVXVRIA* PRIVADA A PROPÓSITO DAS *VILLAE* DE LUCULO^{1*}

MANUEL TRÖSTER
Universidade de Trier

Abstract

Both in ancient sources and in modern imagination, the final years of Lucullus' career are commonly associated with the pleasures of an idle and luxurious life. Accordingly, it is hardly surprising that some of the current anecdotes highlighting his extravagance are set in his sumptuous villas. At the same time, it is undoubtedly significant that quite a few of these stories establish a contrast between his *luxuria* and the supposed *temperantia* of Pompey, his principal adversary in the political arena. As the conflict between the two statesmen persisted for many years, it is clear that Lucullus continued to be active in Roman public life even after his return from the campaign against Mithridates. This is reflected in a number of references to the variegated use of the noble's villas and gardens. In these settings, he used to receive guests from the Greek world, tried to reconcile himself with Pompey in the course of a dinner, and invited the people to a major feast organised on the occasion of his triumph. Thus, the various functions of his residences correspond to the multiple activities of a politician in late Republican Rome.

Keywords: Lucullus, luxury, public and private, roman aristocracy, villas.

Palavras-chave: aristocracia romana, Luculo, luxúria, público e privado, *villae*.

Ainda durante a fase final da campanha de Luculo contra Mitridates, o tribuno A. Gabínio serviu-se da representação de uma *villa* luxuosa do general para suscitar a indignação de uma *contio* em Roma (Cic. *Sest.* 93). Quando Cícero fez recordar esse evento uma década depois, já não era preciso indicar o nome de Luculo explicitamente, tão óbvia se tornara a fama da sua *luxuria* extraordinária. Assim, não admira que o mesmo Cícero lamente o mau exemplo dado pela magnificência dos domicílios do seu par em dois passos dos seus tratados políticos (*Off.* 1.40; *Leg.* 3.30 s.). Referências parecidas encontram-se espalhadas pelas obras de Varrão, Plínio-o-Antigo e muitos outros autores antigos.² Nas cartas de Símaco, do quarto século d.C., pode-se até observar um uso estereotípico da expressão *opera Lucullana* para denotar edifícios gigantescos (*epist.* 2.60.1; 6.70).

Todavia, é na *Vida de Luculo* de Plutarco que aparece a concentração mais elevada de notícias sobre a extravagância e a vida de lazer do político tardo-

¹ * Desejo agradecer vivamente ao Doutor Francisco de Oliveira por ter melhorado o meu texto português. Todas as datas são a.C. a menos que seja indicado diversamente.

² Cf. M. Tröster 2008: 66-69.

republicano.³ Após um relatório detalhado dos acontecimentos da Terceira Guerra Mitridática, o biógrafo indica que a carreira do seu herói se divide em duas partes contrastantes: uma primeira, de actividades públicas; uma segunda, de ócio e folguedos (*Luc.* 39.1). Em seguida, a sua narração baseia-se em dados anedóticos e informações desconexas, tratando Plutarco, em três capítulos, dos banquetes aparatosos, das *villae* pomposas e do uso imoderado da riqueza de Luculo. Apesar de oferecer uma quantidade maior de episódios, a exposição do biógrafo contém o mesmo tipo de material fornecido pelas outras fontes existentes.

Em várias anedotas contadas por Plutarco a *luxuria* de Luculo é contrastada com a suposta *temperantia* de Pompeu. É este último que faz perguntas sobre o uso prático de uma *villa* sumptuosa, que se nega a pedir um tordo criado por motivos de luxo culinário e que fica admirado com a rápida preparação de um banquete custoso (*Luc.* 39.4 s.; 40.2; 41.7). Ao mesmo tempo, os partidários de Pompeu e de Crasso zombam de Luculo pelo seu estilo de vida, dizendo que não era adequado à sua idade viver luxuosamente (*Luc.* 38.5). Além disso, tanto Veleio Patérculo (2.33.4) quanto Plínio-o-Antigo (*Nat.* 9.170) referem que foi Pompeu, o ‘Alexandre romano’, que alcunhou Luculo de *Xerxes togatus* pelas grandes obras realizadas com as suas piscinas, ao passo que Plutarco atribui a mesma ideia a um certo Tuberão-o-Estóico (*Luc.* 39.3).

É evidente que esse contraste entre os dois políticos não é acidental. Tendo detido o comando contra Mitridates durante muitos anos, Luculo foi humilhado por Pompeu quando este anulou as disposições do seu predecessor, na tentativa de monopolizar o poder e a glória decorrentes da vitória contra o rei do Ponto. Esse conflito continuou mesmo depois do regresso de Pompeu a Roma, pretendendo ambos os consulares obter a ratificação das próprias ordenações. De facto, as fontes sobre os acontecimentos antes e durante o consulado de César em 59 concordam que Luculo foi um dos opositores mais intransigentes dos projectos da aliança entre Pompeu, César e Crasso.⁴

Porém, de acordo com Plutarco, Luculo deixou a arena política ao voltar da Ásia para Roma, escolhendo uma vida ociosa interrompida somente por alguns momentos de resistência às ambições do seu adversário principal (*Luc.* 42.4-6). Todavia, é óbvio que o biógrafo carecia de informações detalhadas sobre esse período e, por isso, parece muito provável que a sua versão reflecta uma má interpretação do material, essencialmente anedótico, à sua disposição. Conforme demonstrou Thomas Hillman, Luculo não se reformou nem ao regressar do Oriente em 66 nem após o seu triunfo em 63, mas continuou a ser uma figura importante na vida pública romana.⁵ Isto vale também, e sobretudo,

³ Sobre o tema da *tryphê* nessa biografia cf., em geral, Tröster 2004; idem 2008: 49-76.

⁴ Cf. Plu. *Luc.* 42.5 s.; *Pomp.* 46.5 s.; 48.2-4; *Cat. Mi.* 31.1; 31.7; D. C. 37.49.4 s.; App. *BC* 2.9.32; Vell. 2.40.5; também Suet. *Jul.* 20.4.

⁵ Cf. T. P. Hillman 1993.

para os anos 60 e 59, nos quais Cícero se refere repetidamente a ele e a outros nobres como *piscinarii*.⁶

É claro, por conseguinte, que as anedotas sobre a vida ociosa de Luculo não devem ser interpretadas como prova conclusiva da sua indiferença aos assuntos públicos. Pelo contrário, essas notícias só se tornam compreensíveis enquanto vestígios de luta política, no pressuposto de que ele continuou como estadista activo e influente.⁷ Assim, a divulgação considerável da imagem de Luculo como *bon vivant* somente comprova o amplo sucesso da propaganda orquestrada pelos partidários de Pompeu, que o censuraram por negligenciar os interesses da *res publica*. Neste contexto, vale a pena notar que os outros membros do assim chamado Primeiro Triunvirato, César e Crasso, também tentaram apresentar-se como homens de temperança na vida privada.⁸ Não é improvável que ambos, a par de Pompeu, tenham tratado de pôr em relevo as virtudes próprias através do contraste com os vícios atribuídos a Luculo.⁹

Ora, como mostra o supramencionado discurso de Gabínio, a ligação entre Luculo e a noção de *luxuria* foi estabelecida durante os anos do seu comando contra Mitridates. De facto, a estada prolongada do procônsul na Ásia parece ter provocado acusações de se deixar corromper pela riqueza habitualmente associada ao Oriente.¹⁰ Estas denúncias foram, sem dúvida, ampliadas durante o debate extenso sobre o triunfo de Luculo (Plu. *Luc.* 37.2), tornando-o extremamente vulnerável à propaganda de Pompeu e dos seus aliados. Assim, o *topos* acabou por fossilizar-se numa interpretação histórica, avançada por Nicolau de Damasco (*FGrH* 90, F 77) e Veleio Patérculo (2.33.4), que apresenta a figura de Luculo como primeiro guia do luxo entre os romanos.

Em seguida, tentar-se-á desenhar uma imagem muito diferente das actividades de Luculo com base em alguns dados relativos ao uso dos seus domicílios. Essa tentativa não tem como objectivo negar as características luxuosas das suas *villae* e do seu estilo de vida, mas pretende mostrar que a magnificência das suas residências deve ser interpretada como elemento natural da sua autodefinição de aristocrata, que também incluía um envolvimento activo em assuntos políticos.

Antes de prosseguir com a análise das *villae* de Luculo, é preciso sublinhar que uma casa esplêndida não era necessariamente considerada como expressão de aspirações ofensivas pelos romanos. Não se deve esquecer de que a *domus* aristocrática cumpria funções essenciais na vida política e social, servindo, por exemplo, de local para recepções de clientes e para encontros com amigos.

⁶ Cf. Cic. *Att.* 1.18.6 = 18.6 Shackleton Bailey; 1.19.6 = 19.6; 1.20.3 = 20.3; 2.1.7 = 21.7; 2.9.1 = 29.1; também Macr. 3.15.6.

⁷ Quanto à função propagandística desse material cf. também L. Ballesteros Pastor 1999: 338-343, que parece, porém, considerar fidedignas as informações sobre a degeneração do ex-general.

⁸ César: Plu. *Caes.* 17; Suet. *Jul.* 53; Ath. 6.273b; Crasso: Plu. *Crass.* 1.1-3; 2.6; 3.1 s.

⁹ Para César cf. G. Zecchini 1995: 599-607. Crasso é mencionado junto com Pompeu em Plu. *Luc.* 38.5.

¹⁰ Cf. Plu. *Luc.* 24.1; 33.5; 34.4; 35.5.

Portanto, uma casa magnificente podia dar brilho à imagem do nobre romano desejoso de exibir o seu prestígio social e as suas ambições políticas.

Ao mesmo tempo, era importante evitar a impressão de se viver numa habitação excessivamente aparatosa, o que podia implicar pretensões desmesuradas ou prioridades incompatíveis com o bem-estar do Estado.¹¹ Ainda que todos os aristocratas proeminentes da República tardia possuíssem *villae* sumptuosas fora de Roma, podia ser extremamente pernicioso estarem associados à noção de luxo privado na percepção do público da capital. É que, como observa Cícero, *odit populus Romanus privatam luxuriam, publicam magnificentiam diligit* (*Mur.* 76).¹²

Tendo presente essa ambivalência do discurso sobre a *luxuria*, convém fazer algumas observações relativas ao número e à localização dos domicílios de Luculo. Não obstante a grande quantidade de referências anedóticas, os dados concretos sobre as suas *villae* não são muito abundantes. De facto, as fontes literárias só indicam que ele foi proprietário dos *horti Lucullani* no Monte Pincio bem como de residências em Túsculo, Miseno, na ilha de Nésis e talvez de outra habitação em Nápoles.¹³ A diferença dos jardins nos arredores de Roma, esses últimos domicílios ficavam em zonas de vilegiatura, mas o seu carácter de *villae* luxuosas não significa evidentemente que fossem incapazes de cumprir funções suplementares em termos políticos, sociais e económicos.

Contudo, o caso mais interessante para a presente investigação é sem dúvida aquele dos *horti*.¹⁴ Por um lado, é claro que o espaço do jardim estava associado no pensamento antigo à filosofia epicurista e tinha conotações de ócio, de descanso e de prazer. Por outro lado, isso não implica, como sugeriu Andrew Wallace-Hadrill, que os proprietários dos grandes jardins na Roma tardo-republicana quisessem invariavelmente expressar um certo distanciamento da vida política.¹⁵ Basta recordar que esse grupo heterogéneo inclui nomes tão diferentes como Luculo e Pompeu. Além disso, não se deve ignorar que os *horti* ficavam perto do centro da cidade e podiam ser usados para encontros e eventos públicos, como veremos em dois exemplos. Essa proximidade dos jardins ao centro político parece particularmente importante no caso de Luculo, já que ele foi obrigado a permanecer fora do *pomerium* durante os três anos da luta pelo seu triunfo.

Segundo Plutarco, o general retirado costumava receber convidados gregos na sua casa, que o biógrafo designa enfaticamente como *prytaneion* ('lugar de acolhimento público') para os helenos (*Luc.* 42.1 s.). Visto que o escritor queronense se esforça para sublinhar o filelenismo de Luculo,¹⁶ não admira

¹¹ Cf. C. Edwards 1993: 150-160.

¹² Cf. E. Narducci 1989: 183-185; A. Zaccaria Ruggiu 1995: 326-338; S. Treggiari 1999: 41-50.

¹³ Cf. V. Jolivet 1987; também J. Van Ooteghem 1959: 178-193; A. Keaveney 1992: 144-150.

¹⁴ Cf., em geral, H. Broise/V. Jolivet 1996.

¹⁵ Cf. A. Wallace-Hadrill 1998: 3-6.

¹⁶ Cf. S. C. R. Swain 1992; Tröster 2008: 27-47.

que ele acentue neste contexto os interesses culturais do protagonista, pondo em destaque sobretudo o ambiente acolhedor das suas bibliotecas.¹⁷ Todavia, é sem dúvida significativo que Plutarco mencione expressamente não só estudiosos mas também políticos como beneficiários da hospitalidade e do apoio do aristocrata romano. De facto, Luculo estabelecera conexões com um número elevado de amigos e clientes no âmbito dos seus cargos no mundo grego durante as Guerras Mitridáticas.¹⁸ Estes vínculos não deixaram de ser relevantes no termo do seu comando, mas devem ter assumido uma grande importância durante o conflito com Pompeu, pois a questão da ratificação das medidas tomadas no Oriente afectou evidentemente os interesses vitais dos respectivos amigos de ambos os triunfadores.¹⁹

Além da sua função no acolhimento de convidados estrangeiros, é claro que os domicílios de Luculo também foram usados para encontros com políticos romanos. Um caso particularmente interessante é aquele de um convívio com Cícero e Pompeu, que constitui o núcleo de uma anedota contada por Plutarco (*Luc.* 41.4-7): os dois políticos desejam jantar na casa de Luculo sem aviso prévio para verem como ele costuma jantar sozinho. O anfitrião, porém, consegue escolher uma sala de jantar extremamente sumptuosa para lhes poder oferecer uma refeição imensamente custosa. Na versão do biógrafo, é evidente que a história serve para ilustrar o luxo culinário exigido e exibido por Luculo.

Contudo, Thomas Hillman sugeriu de maneira convincente que o episódio deve ter perdido o contexto original de uma iniciativa política, pois seria difícil supor que Pompeu pudesse pedir espontaneamente um convite para um convívio puramente social na casa do seu inimigo encarniçado.²⁰ Portanto, parece muito provável imaginar uma tentativa falhada para os dois adversários negociarem uma reconciliação no final de 61 ou no início de 60, assumindo Cícero o papel de mediador. Como Plutarco indica que os políticos se encontraram no Foro, é verosímil, aliás, que o jantar se tenha passado nos *horti Lucullani*.

Graças à sua localização na periferia da capital, esses jardins eram também capazes de servir para encontros com um público muito maior. Concluindo o seu relatório do triunfo magnífico de Luculo em 63, Plutarco refere que o nobre romano acolheu o povo, tanto a gente da cidade quanto os habitantes dos *vici* adjacentes, num convívio esplêndido (*Luc.* 37.6). Na mesma ocasião, o triunfador também fez uma generosa distribuição de vinho, como diz Plínio-o-Antigo numa citação do autor contemporâneo Varrão (*Nat.* 14.96). Ainda que não seja indicado o local do convívio, é evidente que os *horti* seriam um sítio muito adequado a um acto de liberalidade como este.²¹ Seja como for, essas notícias sobre a munificência pública de Luculo demonstram claramente que ele continuou a estar presente na vida da capital, interagindo com o povo e

¹⁷ Cf. T. K. Dix 2000.

¹⁸ Cf. Tröster 2008: 127-148.

¹⁹ Considere-se o caso do avô de Estrabão (*Str.* 12.3.33).

²⁰ Cf. Hillman 1994.

²¹ Cf. J. H. D'Arms 1998 sobre os jardins de César; também M. Frass 2006: 188-192.

esforçando-se para ganhar o seu favor. Com efeito, emerge aí uma personagem muito diferente do homem ocioso descrito nas anedotas sobre a sua *luxuria* privada.

Segundo dizem Plínio-o-Antigo (*Nat.* 18.32) e Columela (1.4.6), um L. Luculo – ou o cônsul de 74 ou o seu pai – foi censurado uma vez pelo facto de possuir uma *villa* que carecia de terreno arável suficiente. Isto não significa, porém, que os seus domicílios não cumprissem também funções económicas. Como é bem sabido, as *villae* de Luculo produziam vários alimentares de luxo nos seus recintos, aviários e piscinas.²² O valor de mercado dessas iguarias podia ser exorbitante, como indica uma notícia sobre a venda dos seus peixes por Catão-o-Moço depois da morte do consular.²³ Mesmo que esses produtos fossem destinados em primeiro lugar ao consumo próprio, é importante ter também em consideração esse aspecto de *utilitas* económica.²⁴

Em síntese, parece claro que a imagem de Luculo como hedonista retirado da vida pública representa uma interpretação incompleta e tendenciosa dos últimos anos da sua carreira. De facto, o estadista experimentado continuou a ser activo na arena política, lutando contra o seu inimigo Pompeu e tentando ganhar o apoio tanto dos senadores quanto do povo reunido no espaço público da capital. Como se procurou demonstrar na presente comunicação, os domicílios de Luculo, por muito sumptuosos que fossem, serviram neste contexto de local de encontro com amigos estrangeiros bem como políticos e cidadãos romanos.

Este facto não implica evidentemente que as actividades públicas do consular constituíssem a função primordial das suas *villae* magnificentes. Sem dúvida, ele gostava de viver em habitações luxuosas, mas isto vale também para numerosos outros proprietários de *villae* elegantes da sua época, inclusive para os não poucos que pretenderam apresentar-se como exemplos de temperança.²⁵ Dado que o tema da *luxuria* de Luculo foi acentuado e manipulado pelos seus adversários com muito sucesso, as respectivas notícias não devem ser lidas como expressões autênticas das suas atitudes e ambições. Apesar da ampla divulgação das anedotas sobre a sua extravagância, ele não escolheu ser um *outsider* da aristocracia romana.²⁶ Pelo contrário, não deixou de ser um membro activo da nobreza tanto no campo político quanto na vida social, económica e cultural.

Bibliografia

L. Ballesteros Pastor (1999), “Aspectos contrastantes en la tradición sobre L. Licinio Lúculo”, *Gerión* 17 331-343.

²² Cf. as referências recolhidas por W. Rinkewitz 1984: 81 s.

²³ Cf. Varr. *R.* 3.2.17; Plin. *Nat.* 9.170; Col. 8.16.5; Macr. 3.15.6.

²⁴ Cf. as observações de Jolivet 1987: 902-904.

²⁵ Cf. D’Arms 1970: 39-45 a respeito das vilas no Golfo de Nápoles.

²⁶ Pace L. Landolfi 1990: 103-106; D’Arms 1999: 312 s.; E. W. Leach 2004: 87 s.

- H. Broise, V. Jolivet (1996), s.v. Horti Lucullani, *LTUR* 3 67-70.
- J. H. D'Arms (1970), *Romans on the Bay of Naples. A Social and Cultural Study of the Villas and Their Owners from 150 BC to AD 400*. Cambridge-Mass.
- J. H. D'Arms (1998), "Between Public and Private. The *Epulum Publicum* and Caesar's *Horti trans Tiberim*", in M. Cima, E. La Rocca (eds.), *Horti Romani. Atti del convegno internazionale*. Roma 33-43.
- J. H. D'Arms (1999), "Performing Culture. Roman Spectacle and the Banquets of the Powerful", in B. Bergmann, C. Kondoleon (eds.), *The Art of Ancient Spectacle*. Washington, DC 301-319.
- T. K. Dix (2000), "The Library of Lucullus", *Athenaeum* 88 441-464.
- C. Edwards (1993), *The Politics of Immorality in Ancient Rome*. Cambridge.
- M. Frass (2006), *Antike römische Gärten. Soziale und wirtschaftliche Funktionen der horti Romani*. Horn.
- T. P. Hillman (1993), "When Did Lucullus Retire?", *Historia* 42 211-228.
- T. P. Hillman (1994), "*Hodie apud Lucullum Pompeius cenat*. Neglected History at Plutarch, *Lucullus* 41, 4-7", in C. Deroux (ed.), *Studies in Latin Literature and Roman History*, vol. 7. Bruxelles 190-201.
- V. Jolivet (1987), "*Xerxes togatus*. Lucullus en Campanie", *MEFRA* 99, 875-904.
- A. Keaveney (1992), *Lucullus. A Life*. London.
- L. Landolfi (1990), *Banchetto e società romana. Dalle origini al I sec. a.C.* Roma.
- E. W. Leach (2004), *The Social Life of Painting in Ancient Rome and on the Bay of Naples*. Cambridge.
- E. Narducci (1989), *Modelli etici e società. Un'idea di Cicerone*. Pisa.
- W. Rinkewitz (1984), *Pastio villatica. Untersuchungen zur intensiven Hof-tierhaltung in der römischen Landwirtschaft*. Frankfurt-Main.
- S. C. R. Swain (1992), "Plutarch's Characterization of Lucullus", *RhM* 135 307-316.
- S. Treggiari (1999), "The Upper-Class House as Symbol and Focus of Emotion in Cicero", *JRA* 12 33-56.
- M. Tröster (2004), "Aspetti della tecnica biografica di Plutarco. A proposito della τρυφή di Lucullo", *Maia* 56 483-499.
- M. Tröster (2008), *Themes, Character, and Politics in Plutarch's Life of Lucullus. The Construction of a Roman Aristocrat*. Stuttgart.
- J. Van Ooteghem (1959), *Lucius Licinius Lucullus*. Bruxelles.
- A. Wallace-Hadrill (1998), "*Horti* and Hellenization", in M. Cima, E. La Rocca (eds.), *Horti Romani. Atti del convegno internazionale*. Roma 1-12.
- A. Zaccaria Ruggiu (1995), *Spazio privato e spazio pubblico nella città romana*. Roma.
- G. Zecchini (1995), "Sallustio, Lucullo e i tre schiavi di C. Giulio Cesare (due nuovi frammenti delle *Historiae*?)", *Latomus* 54 592-607.